

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da

Geórgia – Progressos do Quotidiano Normal 1

28 de Outubro de 2020

KOLGA / 1966 “O Chapéu de Chuva”

um filme de Mikheil Kobakhidze

Realização e Argumento: Mikheil Kobakhidze / **Fotografia:** Nikoloz Sukhichvili / **Som:** Tengviz Nanobachvili / **Direcção Artística:** Guivi Guigauri / **Compilação Musical:** Mikheil Kobakhidze / **Interpretação:** Guia Avalichvili, Djana Petraitite, Ramaz Guiorgobiani.

Produção: Tito Baramidze / Kartuli Pilmi (Gruzia Film) (URSS) / **Cópia:** do Centro Nacional do Cinema Georgiano, em DCP (cópia restaurada, original em 35mm), preto e branco, sem diálogos / **Duração:** 19 minutos / **Primeira apresentação pública:** 11 de Dezembro de 1966, Tbilissi / **Primeira apresentação internacional:** Junho de 1967, Festival de Cinema de Cracóvia, onde foi premiado / **Primeira apresentação em Portugal:** Festival de Vila do Conde, Junho de 1995 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

RAMDENIME INTERVIU PIRAD SAKITKHEBZE / 1978 “Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais”

um filme de Lana Gogoberidze

Realização: Lana Gogoberidze / **Argumento:** Erlom Akhvlediani, Zaira Akhvlediani, Lana Gogoberidze / **Fotografia:** Nugzar Erkomaichvili / **Som:** Vladimer Dolidze / **Música:** Guia Kantcheli / **Direcção Artística:** Khristessie Lebanidze / **Interpretação:** Sofiko Tchiaureli (Sofiko), Guia Badridze (Artchil), Ketevan Orakhelachvili (a mãe de Sofiko), Janri Lolachvili (Irakli), Salome Kantcheli, Ketevan Botchorichvili, Levan Abachidze, Nutsa Aleks-Meskhichvili, Dodo Abachidze, Nana Djordjadze, Nana Mtchedlidze

Produção Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / **Cópia:** do Arsenal, em DCP (original em 35 mm), cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 95 minutos / **Primeira apresentação pública:** 30 de Dezembro de 1978, Tbilissi / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 114 minutos / Sessão apresentada por Marcelo Felix.

“Para mim uma imagem é como uma frase musical em que tudo deve ser muito preciso.”

Mikheil Kobakhidze

Faz agora cerca de um ano sobre a morte de Mikheil Kobakhidze, cineasta de origem georgiana nascido em Tbilissi em 1939, cuja obra poderemos considerar raríssima, tanto pela sua escassez, resumindo-se a seis curtas-metragens realizadas maioritariamente entre 1961 e 1969, com uma única excepção em 2003, como pela extrema singularidade da mesma. De difícil classificação, o cinema de Kobakhidze foi alvo de uma pesada censura no

contexto da URSS dos anos sessenta, o que não apenas condicionaria toda a sua actividade criativa, como a posterior visibilidade nacional e internacional da sua obra nas décadas seguintes. Muito curiosamente os seus filmes foram objecto de uma importante retrospectiva que decorreu em 1995 no Festival de Vila do Conde e que contou com a sua presença em Portugal, a que se seguiram outras mostras da sua obra na Europa: em 1996 foi homenageado pelo Festival de Veneza e os seus filmes seriam mostrados em França, onde muitos anos mais tarde assinará o seu último filme.

Mikheil Kobakhidze pertence a uma geração do cinema georgiano formada em Moscovo, no VGIK, o Instituto Cinematográfico do Estado Soviético, onde estudou entre 1959 e 1965 e por onde passaram outros seus conterrâneos como Tengviz Abuladze, Lana Gogoberidze ou Otar Iosseliani. Os anos de formação foram determinantes para o que se seguiria, como descreve num texto que escreveu em 1997, publicado originalmente nos *Cahiers d'Europe*: “Os meus mestres foram os célebres cineastas Serguei Guerassimov e Tamara Makarova. Estar-lhes-ei sempre grato por me terem aceite, por me terem amado e por me terem dado a possibilidade de criar livremente”. Depois de muita controvérsia em torno dos seus dois primeiros filmes realizados ainda no contexto do VGIK, recusados sistematicamente pelas autoridades e considerados “inadequados para um realizador soviético em formação”, a curta-metragem “**O Casamento**” (1964), realizada a expensas próprias e premiada no Festival de Oberhausen, garantiu-lhe finalmente o diploma do VGIK, que estava em suspenso devido à censura dos trabalhos anteriores. O filme seguinte seria **Kolga** “**O Chapéu de Chuva**” (1966), que mostramos hoje. Contando com o apoio governamental e produzido pela Gruzia Film, a produtora da República Socialista Soviética da Geórgia, **Kolga** também foi interrompido por uma comissão de controlo de Moscovo, mas acabou por contar com o apoio de Serguei Guerassimov para ser aceite pelas autoridades soviéticas.

Kolga, como os restantes filmes de Kobakhidze, combina o espírito do burlesco de um determinado cinema mudo com a influência da Nouvelle Vague e técnicas herdadas da animação, de modo extremamente original e invulgar. O seu “pretexto” é o encontro entre o guarda de uma passagem de nível e a sua amada, subitamente perturbado pela aparição de um chapéu de chuva voador, que desvia as atenções do casal, que com ele se envolve numa inusitada dança. Sem um único diálogo e apostando na acentuação da gestualidade dos actores e num apurado trabalho da banda de som, onde a música tem um papel essencial, **Kolga** revela-se um objecto manifestamente anacrónico e subversivo, resistindo a toda a classificação. Antes de mais, desafia as leis da gravidade pelo modo como as personagens interagem com o irrequieto guarda-chuva voador, objecto que não controlam e que faz a sua relação e a realidade perigar. O trabalho é esquecido e trocado pelo lazer e pela dança (motivo que por si só valeu ao filme fortes críticas institucionais) e, nessa inesperada dança, há momentos que nos lembram as personagens de Tati ou de Buster Keaton, outros os objectos animados por Norman McLaren. Aqui o papel feminino é representado pela mulher do realizador, Djana Petraitite, mas como muitos heróis do burlesco, Mikheil Kobakhidze será actor em vários dos seus outros filmes.

Mais estilizado que os filmes anteriores de Kobakhidze, **Kolga** desenha um mundo poético aparentemente ingénuo. Eis a natureza de um filme-poema que, não se revelando um manifesto político, perturba pela liberdade associada ao movimento dos corpos e à musicalidade dos planos, em que tudo é cuidadosamente coreografado. Um cinema aberto ao inconsciente, como descreveria Kobakhidze muitos anos depois: “O meu inconsciente abria-me os olhos sobre o que se passava na vida consciente. E tudo o que eu via nos meus sonhos e os símbolos que os acompanham transformavam-se em imagens.”

Terá sido este olhar lúdico e algo surrealista sobre as relações e a existência que, no fundo, condenou o cinema de Kobakhidze. É em 1969, depois do seu filme seguinte, “**Os Músicos**”, que, por decreto governamental, Kobakhidze é proibido de trabalhar em cinema, atravessando então enormes dificuldades. Só voltaria a filmar já em 2003 em França, realizando a curta-metragem “**A Caminho**”, que encerra este Programa que nos proporciona uma viagem abrangente sobre uma produção manifestamente heteróclita.

Se descrevemos **Kolga** como um objecto anacrónico, não apenas pela realidade retratada, mas também pelo modo como o faz, o mesmo não se aplica a **Ramdenime Interviu Pirad Sakitkhebe** / “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**”, o importante filme realizado por Lana Gogoberidze com que prossegue a sessão. “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**” é um marco no cinema de Gogoberidze e é o título com que conquista reputação internacional, revelando uma grande sintonia com um cinema seu contemporâneo que reflectia abertamente sobre a condição feminina, de outras cineastas soviéticas mencionadas no programa como Larissa Chepitko, Nana Mchedlidze, a realizadores tão distantes como Alexander Kluge, na Alemanha, a muito cinema feito nos Estados Unidos ou em França.

Lana Gogoberidze, realizadora nascida em 1928 em Tblissi, filha da cineasta Nutsa Gogoberidze, que assinou a sua primeira longa-metragem em 1962 depois de vários trabalhos mais documentais, terminou recentemente a sua última longa, **Okros Dzapi** / “**O Fio Dourado**” (2019), um filme a descobrir também no encerramento deste Programa. O centro de “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**” é ocupado pela personagem de Sofiko (Sofiko Tchiaureli), jornalista empenhada nos problemas dos outros, que gere a secção de cartas do respectivo jornal. É através de Sofiko e de todas aquelas que entrevista que Gogoberidze problematiza a complexidade da vida das mulheres na sua dificuldade de articulação de papéis entre a vida pessoal e a vida profissional, ao mesmo tempo que afirma a modernidade de uma personagem na sua busca pela verdade através do jornalismo. Trata-se do retrato de uma mulher independente que se apercebe que tem que se confrontar com a sua própria situação, que no fundo reflecte as dificuldades e os problemas daquelas que entrevista, pois é colocada perante uma escolha desigual, que coloca toda a sua vida e crenças em questão. Recusando deixar o trabalho exigente de que gosta para ter mais tempo para a família, confronta-se com o fim de um casamento, com o envelhecimento, e com uma inesperada solidão. Esta é uma história comum, como é comum a história daquelas que Sofiko entrevista, e Gogoberidze é explícita na sua crítica a estes aspectos ao frisar o ritmo alucinante da sua protagonista que, do cuidado com a família ao ritmo do seu próprio trabalho, não pára um instante. Como é explícita no modo como nos retrata os “abusos” de que é alvo Sofiko – veja-se a cena do jantar de Archil com os seus amigos, ou como o patrão de Sofiko revela “ter pena do seu marido” –, o que em parte é ainda acentuado pelo que é dito nas muitas das entrevistas que pontuam o filme, conferindo à experiência de Sofiko um contexto mais amplo.

Mas se Gogoberidze é explícita na sua crítica, nunca o é em demasia, não transformando o filme num manifesto. A subtilidade é na realidade uma das grandes qualidades de “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**” tanto no modo como coloca tão importantes questões sobre a condição feminina nas sociedades contemporâneas, como pelo modo como aborda paralelamente os traumas de uma sociedade profundamente marcada por uma história de forte repressão. Sabendo que o filme foi rodado nos espaços por onde se move a realizadora e conhecendo a história da mãe da cineasta, Nutsa Gogoberidze, que, como a

mãe da protagonista, foi presa durante as purgas estalinistas de 1936-37, só regressando a casa muitos anos depois (o pai nunca regressou), percebemos como o filme é especial na sua discricção (sendo que é essa mesma discricção que permite que a referência à deportação passe mais uma vez na censura da época). Como também é especial no modo como trabalha na fronteira dos géneros, combinando entrevistas simuladas, filmadas segundo um tom documental, com a vertente mais assumidamente ficcional, ao mesmo tempo que mistura diferentes blocos espacio-temporais – os flashbacks que se começam a imiscuir na temporalidade do filme –, num puzzle em que as várias histórias de vida e a História de um país se imbricam indissociavelmente.

No fundo este é um cinema “a meio caminho entre o documentário e a ficção”, como disse Gogoberidze numa entrevista de 1988 à revista *24 Images*, acrescentando ainda: “Mesmo quando faço um filme de ficção, trabalho sempre uma alternância entre imagens e comentários.” Um cinema intimista que procura aproximar-se da verdade dos seres e das relações no curso irremediável do tempo. E é dessa verdade que se aproxima Sofiko no momento em que pára, se olha ao espelho, e se apercebe da sua irremediável solidão. Momento em claro *raccord* com a primeira entrevista de um filme em que a entrevistada faz um balanço de uma vida, devolvendo a Sofiko questões que para ela se revelarão cruciais. Não há em “**Algumas Entrevistas sobre Assuntos Pessoais**” a leveza ou a alegria de **Kolga**, mas uma das suas músicas contamina um dos momentos mais alegres do filme. Momento de esperança de um filme que nunca a abandona.

Joana Ascensão